

O Género Narrativo em Interações Oraís Autênticas

Armindo José Baptista de Moraes

Universidade Aberta

O objectivo central da presente comunicação é apresentar as linhas gerais de investigação e respectivas conclusões da Dissertação de Mestrado subordinada ao tema: **O Género Narrativo em Interações Oraís Autênticas: Contributo para o Ensino Aprendizagem do Português Europeu como Língua Não-materna**, apresentada à Universidade Aberta em Março de 2002. Dado o limite imposto pelas normas de formatação das actuais actas, optou-se por traçar, de uma forma linear, o percurso seguido durante o desenvolvimento da investigação, destacando os resultados da análise do *corpus* de narrativas recolhido, com especial incidência nalgumas das estratégias avaliativas utilizadas pelo narrador com o intuito de conduzir o narratário a uma interpretação conforme à sua intenção narrativa.

1. Enquadramento Teórico

O trabalho referido segue um enquadramento teórico interdisciplinar em Estudos Linguísticos. Partiu-se dos trabalhos em Sociolinguística de W. Labov (1967, 1972) sobre a Análise da Produção do Género Narrativo Oral, que foram, posteriormente, revistos dentro de duas áreas de reflexão diferentes:

Dentro da Linguística Textual e sob uma Perspectiva Cognitiva, consideraram-se as propostas de J.-M. Adam (1984, 1985, 1990) na definição da narrativa enquanto macroestrutura.

Da área da Pragmática seguiram-se os trabalhos em Análise do Discurso Narrativo Oral conduzidos por M. McCarthy (1998) e M. McCarthy & R. Carter (1994) para a definição da Narrativa enquanto interacção, bem como as propostas de J. Bres (1994) relativas à construção do Contrato Comunicacional Narrativo.

2. Objectivo Central do Estudo

O objectivo central é demonstrar como a Análise do **Enunciado Narrativo** em situação de **Interação Oral** permite contextualizar e co-textualizar elementos lexicais, gramaticais e discursivo-pragmáticos, em função das regras do próprio género e da sua actualização enunciativa, tornando-se o **espaço preferencial** para o **desenvolvimento de consciência de língua**.

3. Definição do *Corpus* de Trabalho

Para prosseguir o objectivo acima referido, definiu-se um *corpus* de trabalho de narrativas produzidas em situação de interacção oral que foi recolhido no *Subcorpus Oral* do *Corpus de Referência do Português Contemporâneo* do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, composto por interacções recolhidas nos anos 70 (*Português Fundamental*) e nos anos 90. Seleccionaram-se narrativas de episódios vivenciados pelo narrador produzidas em interacções indiciadas no *corpus* de origem como informais.

Numa primeira fase, levantaram-se 26 interacções orais [NI = 26], que serviram para testar os instrumentos de análise propostos por W. Labov (1972), dando origem a um segundo modelo de análise de cariz pragmático-discursivo. Estas 26 interacções foram reduzidas a um *sub-corpus* de 12 [Ni = 12] onde se identificaram 14 sequências narrativas [Nsn = 14], posteriormente analisadas. Optou-se ainda por uma análise descritiva pormenorizada de 5 dessas sequências [Nsn = 5] no corpo do trabalho.

4. Objectivos Parciais

Com a análise das 14 sequências narrativas [Nsn = 14], pretende-se:

- **Identificar as formas** que a actualização discursiva do género narrativo pode tomar, vinculando-as a um esquema formalmente definido e à própria situação de enunciação;
- **Propor um modelo pragmático-discursivo de análise de enunciados narrativos** que tome em consideração:
 - a sua dimensão Textual-Sequencial;
 - a sua dimensão Discursivo-Pragmática.
- **Demonstrar como a aplicação do modelo** permite apresentar os diferentes componentes do acto comunicativo dentro de contextos autênticos e em função do seu uso discursivo.

5. A construção do modelo de análise

Para a construção do modelo de análise, partiu-se do pressuposto que qualquer estudo da narrativa em situação de interacção tem que considerar quer a **Dimensão Textual** quer a **Dimensão Pragmática** do género em questão.

No primeiro caso, considera-se a construção da narrativa enquanto **Texto Sequencial**, cuja organização obedece a um modelo culturalmente definido e com elevado grau de canonicidade.

No segundo, perspectiva-se a Narrativa enquanto **Enunciado**, pois, enquanto enunciado, a narrativa é determinada pela intenção da sua produção numa situação comunicativa específica e os seus constituintes são encenados segundo a finalidade pragmática que lhe é subjacente.

Explicitemos as anteriores afirmações: ao contarmos uma história, temos presente que é necessário começar por uma **ORIENTAÇÃO** [Pn1] do nosso interlocutor no mundo da narrativa, definindo a Situação Inicial (O QUÊ?), os Actores (QUEM?), o Lugar (ONDE?) e o Tempo (QUANDO?). Sabemos também que a seguir deverá acontecer algo que ponha em causa um ou mais aspectos desta Situação Inicial e desencadeie uma **INTRIGA** [Pn2], isto é, uma sequência de acontecimentos orientados para uma **RESOLUÇÃO** [Pn4]. Mas, numa situação real de interacção, temos também que considerar que, ao introduzir uma história, estamos a desequilibrar a distribuição dos tempos de enunciação e que, por esse motivo, é fundamental assegurar quer o acordo dos outros interlocutores para esta apropriação do espaço comunicacional quer a pertinência da história para a conversação. Para além dos construtores textuais referidos (Orientação, Intriga, Resolução), há que introduzir na história um conjunto de elementos avaliativos que justifiquem a sua introdução na interacção e levem o interlocutor, constituído em narratário, a interpretar a história de acordo com o propósito da sua narração.

Entra-se, deste modo, numa concepção de narrativa como discurso intencional e voltado para o outro. O Narrador não quer, simplesmente, comunicar o desenvolvimento sequencial dos acontecimentos que relata, quer também produzir um efeito persuasivo sobre o interlocutor, conduzindo-o a uma interpretação do narrado conforme à sua intenção enunciativa. A definição do sentido e oportunidade da narrativa na interacção estão a cargo de uma **AVALIAÇÃO** [Pn3] que tanto pode ser identificável enquanto macroproposição que faz a Avaliação Final como enquanto estratégia de condução da interpretação do narrado transversal a todo o enunciado.

Assim, é através da **AVALIAÇÃO** que o locutor convence o seu interlocutor da importância da história que vai narrar para a interacção em curso, fazendo jus à apropriação assimétrica do espaço da interacção. Este procedimento é identificado textualmente como **RESUMO** [Pn0] e é constituído pelo anúncio de uma possível narrativa e pela negociação de um contrato comunicacional que constitui ambas as partes intervenientes em narrador e narratário;

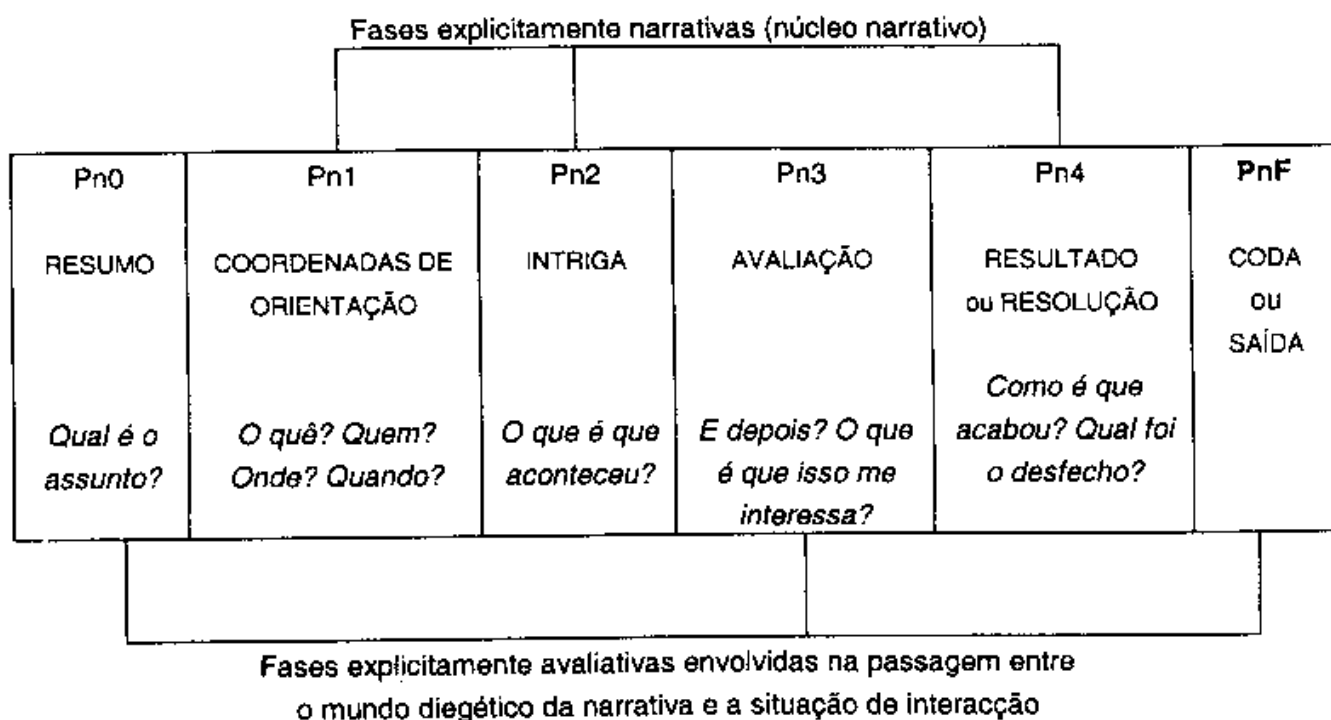
É através da mesma **AVALIAÇÃO** que o narrador promove uma interpretação do narrado de acordo com as suas intenções comunicativas. Para tal, orienta a sua produção de forma a afastar possíveis dúvidas ou mal entendidos por parte do narratário e recorre a múltiplas estratégias para realçar os momentos cruciais da história e apagar a importância de outros;

É também através dela que assegura a compreensão da história como um todo significativo para a interacção em que está envolvido, procedendo a uma **AVALIAÇÃO FINAL** [Pn3] que, muitas vezes, é directa e explicitamente correlacionada com a situação de enunciação, procedimento que na terminologia laboviana é denominado **CODA** [PnF].

O seguinte quadro pretende sistematizar os elementos referidos em destaque, identificando-os como macroproposições (Adam 1984: 84) do discurso narrativo¹.

Quadro 1

FASES DA NARRATIVA



Uma aplicação desta reflexão teórica ao *corpus* analisado permitiu confirmar as hipóteses definidas inicialmente e identificar uma série de estratégias avaliativas que se passa a referir sumariamente. Para um desenvolvimento mais detalhado com todos os exemplos levantados no *corpus* analisado, veja-se Morais (2002b).

6. Resultados da aplicação do esquema de análise elaborado e conclusões do trabalho

- (1) No *Corpus* de narrativas estudado, foi possível detectar a presença de um **esquema organizacional específico e convencionalmente definido**;
- (2) Confirmou-se a hipótese de atribuição de **Funções Sequenciais** (ligadas ao Núcleo da Narrativa: Pn1, Pn2 e Pn4) e **Avaliativas às Macroproposições**;
- (3) Confirmou-se a existência de um **Contrato Comunicacional** entre os **interlocutores**, contrato que confere às partes presentes os estatutos de

¹ Uma primeira versão deste quadro surge em Morais (2002 a: 317)

Narrador e Narratário e que regula a passagem entre o Mundo da Interação Oral e o Mundo da Narrativa. Para um estudo mais pormenorizado deste contrato veja-se a narrativa da interação com o código COD 122², analisada em detalhe em Morais (2002 b: 58 – 69).

- (4) Ainda em relação ao Contrato Comunicacional Narrativo, é possível identificar as estratégias utilizadas pelo Narrador para sinalizar o momento em que este deixa de vigorar (PnF), fechando a Sequência Narrativa e retornando à situação de interação anterior à sua introdução. Destacam-se aqui quer formas gramaticais como a passagem para o Presente do Indicativo quer formas lexicais como Expressões com um Certo Grau de Fixidez – ex: “*até hoje*” COD 1743 – quer Marcadores Conversacionais típicos de PnF – ex: “*pronto*” COD 1722 – quer ainda Estratégias Conversacionais de Cedência de Turno – ex: “*e passamos a vida assim*” COD 22.
- (5) Verificou-se que a **identificação das Macroproposições** constitutivas do Enunciado Narrativo com fases da sua produção **não implica um modelo único de organização sequencial**. Tal significa que, para além de uma forma dita canónica, que corresponderia a uma sequência do tipo [Pn0 > Pn1 > Pn2 > Pn4 > Pn3 > Pnf], se podem encontrar exemplos em que Pn0, Pn3 e Pnf são omitidos ou há um deslocamento de uma macroproposição para um outro lugar na sequência.
- (6) No que se refere às **Estratégias Avaliativas**, pode concluir-se que: As opções lexicais e gramaticais realizadas para a construção do Núcleo Narrativo (Pn1, Pn2, Pn4) obedecem a uma **intencionalidade discursiva** e podem, em parte, ser analisadas enquanto **instrumentos** dessa intencionalidade. **Estratégias de Avaliação Interna** dos seguintes tipos confirmam esta hipótese:

• *Avaliação pela Acção*

Aceleração do ritmo da narração recorrendo a Construções Sintácticas Paratácticas e a Verbos Performativos. No exemplo COD 22 analisado em Morais (2002 b:70 – 84), os momentos de maior acção, directamente antes ou depois dos diálogos, caracterizam-se por uma seriação de frases quer assindética – ... *eu peguei, toca a telefonar para o escritório, aparece o patrão... fiquei aflita. o meu filho... eu vim para casa, diz o meu filho assim...* – quer polissindética – *diz ele assim: “eu venho já!” e tirou o casaco e saiu. e foi à cabine, meteu os cinco tostões – sim, pagou – e o pai atendeu o telefone, em vez de ser o patrão, o pai atendeu o telefone e ficou todo contente.* Em ambos os tipos de enumeração, a narradora

² Todas as citações do *corpus* analisado passarão a ser referidas com o código de origem da interação donde foram retiradas no *Corpus de Referência do Português Contemporâneo* do C.L.U.L.. Para uma análise detalhada das narrativas presentes nessa interação, ver Morais (2002 b, vol.II – Anexos).

multiplica as frases performativas criando uma maior tensão narrativa, isto é, fazendo aquilo que Labov (1972) denomina Avaliação pela Acção.

▪ *Avaliação pela Perspectiva*

Recurso ao Aspecto Verbal para denotar e conotar acontecimentos. No exemplo COD 1722 analisado em Moraes (2002b: 85 – 92), a manutenção do Pretérito Imperfeito, apesar do localizador temporal – *e de repente*, com um verbo de acção com os traços [+ dinâmico] e [+ temporal] – *levantar-se* – na sequência: “... *e então eles estavam na sua aula, trabalhando, e, de repente ah... estava, pronto levantava-se um “senh(...)” eu vou falar mesmo como eles...*” é claramente discursiva: pretende-se realçar o carácter habitual do evento narrado, subtraindo à responsabilidade do narrador a escolha do episódio.

▪ *Avaliação pela Encenação*

Actualização dos acontecimentos recorrendo ao Discurso Directo. Em todas as sequências narrativas analisadas, o Nó (elemento que desencadeia a acção) é introduzido na fala de uma das personagens. O mesmo tipo de estratégia é utilizado em acções que antecedem o clímax da Intriga.

▪ *Avaliação pela Repetição*

Recurso a Paralelismos Sintagmáticos ou Oracionais para destacar / reforçar partes do narrado ou produzir um efeito de enquadramento. No seguinte exemplo, retirado da interacção COD 1743 – *até hoje, deixei de tomar aquela porcaria toda, comecei-me a sentir cada vez melhor, cada vez melhor, comecei mesmo a pensar “não, isto será, isto é mesmo sistema nervoso”. pronto, acabou. até hoje, impecável. – até hoje* enquadra a pós-avaliação feita pelo narrador, reforçando a ideia da Avaliação Final da narrativa introduzida anteriormente. Também a recorrência de enunciados-chave, como no exemplo retirado da interacção COD 31 – ... *diz ele assim: „ai eu hei-de comer aquele nosso senhor tão grande?”* “pois, ele para comungar é só nosso senhor, nosso senhor. via assim: „como é que eu hei-se comer aquilo tão grande” e ele então disse, muito aflito: “eu hei-se comer aquele nosso senhor tão grande?” – funciona como destaque do estado de espírito da personagem principal da narrativa.

- Ao nível da **Avaliação** propriamente dita, pode identificar-se um conjunto recorrente de elementos co-responsáveis pela construção da intencionalidade narrativa. Temos assim:
 - Formas gramaticais – Adjectivos, Adverbiais e respectivas formas de superlativização, bem como diferentes tipos de Quantificadores;
 - Formas lexicais – Opções Lexicais Marcadas e Expressões com um Certo Grau de Fixidez
 - Estratégias discursivas – Focalização, Desfocalização e Repetição

Dada a relevância da contextualização das primeiras, remete-se a sua análise para o estudo que deu origem a este trabalho (Morais, 2002b). No que se refere às estratégias discursivas enunciadas: **Estratégias de Focalização** (incluindo também aquelas que desfocalizam ou refocalizam os enunciados) e **Estratégias de Repetição** (incluindo também aquelas que funcionam a um nível superior ao da proposição para uma melhor sistematização do fenómeno), vamos apenas apresentar as estratégias relativas à Focalização levantadas no *corpus*. Um estudo detalhado das estratégias de Repetição poderá ser consultado em *Morais (2002b)*.

Assim, no que se refere à Focalização, temos:

- (I) Em primeiro lugar, **Estratégias de Focalização com Actos Metacomunicativos** (Anúncios) que são típicas de Pn0 mas que podem também introduzir a conclusão da Narrativa. Exemplo do primeiro caso seria – ... *há um caso em Famalicão ... COD 1264* – e exemplo do segundo – *e chegou-se à conclusão que... COD 1250*.
- (II) Em segundo lugar surgem estratégias de **Focalização Sintáctica** de que se destacam três tipos:
- Focalização através de Frases Clivadas e Clivadas Elípticas – ex: *é que todos os outros textos que a gente dá, são assim... COD 93*; ex: *julgava que aquele que era o filho do grande COD 31-2*;
 - Focalização através de Pseudoclivadas com valor contrastivo – ex: *sabes que a gente só tem jeito é para arranjar noivas aos outros! COD122*;
 - Focalização com Movimento do Constituinte Focalizado para Posição Final da Frase – ex: *...nem a porta da capela fechou... COD 1055*;
- (III) Em terceiro lugar ocorrem casos de **Focalização Semântica**, distinguindo-se dois tipos de estratégias:
- Focalização com Marcador de Foco, de que se destacam exemplos com a partícula escalar *até*, por surgirem ligados a uma alteração da ordem dos constituintes na frase – ex: *eu tinha reparado até que em poesia... mas até pensei que fosse do dia COD 93*;
 - Focalização com Expressões Apelativas em posição inicial ou final de turno – ex: *olhe, ainda na terça feira castiguei uma COD 485*;
- (IV) Consideram-se ainda como Estratégias de Focalização:
- Construções Introdutoras do Discurso Directo com o advérbio *Assim*. Esta estratégia é recorrente em todo o *Corpus* e aparece muitas vezes associada ao uso do Presente do Indicativo no verbo declarativo;
 - Focalização com o Demonstrativo *Isso* em posição temática e/ou como sujeito – ex: *isso, aconteceu uma coisa muito engraçada COD 22*;
 - Focalização com o Expletivo *Ele* – ex: *ele, como é que hei-de dizer, o pai anda sempre com o filho e o filho à beira do pai COD 22*;

Para além destas estratégias de **Focalização**, há que referir aquelas que desviam a atenção do Interlocutor de determinadas informações que poderiam afastá-lo da orientação interpretativa que está a ser dada ao discurso – **Estratégias de Desfocalização** – e aquelas que refocalizam o conteúdo do(s) enunciado(s) anterior(es) – **Estratégias de Refocalização**.

No que se refere às **Estratégias de Desfocalização**, surgem exemplos realizados com:

- Sinais de Imprecisão³ – ex: *estava muito zangado com o santo porque tinha-lhe pedido qualquer coisa e o santo não fez* COD 31-2;
- Indefinidos – ex: *através de uns conhecimentos com uns amigos* COD 1743;
- Locuções Adverbiais – ex: *uma gaiata, para aí dos seus dezassete* COD 122.

Resta referir as **Estratégias de Refocalização**, que se subdividem em dois tipos principais:

- Perguntas-Eco – ex: *porque nem sempre a gente é ouvida, não é?* COD 31-1
- Sinais de Reforço Informativo, que tanto se podem referir ao enunciado anterior – ex: *espreitou, gostou do material, não te digo nada* COD 122 – como a toda a Sequência Narrativa – *...e estás a ver* COD 122. Quer as primeiras quer os segundos apelam a uma partilha de perspectiva quanto ao sentido do narrado.

Do acima exposto parece confirmar-se a hipótese inicial da investigação realizada de que o estudo do género narrativo dentro de uma interacção oral permite identificar os diferentes componentes do acto comunicativo – que abrangem o sistema linguístico, as normas socioculturais de adequação ao domínio, os princípios reguladores da construção discursiva e as estratégias que apoiam a negociação de sentido – dentro de contextos autênticos e em função do seu uso discursivo.

Referências

- ADAM, J.-M.
 1985 *Le Texte Narratif*, Paris, Ed. Nathan Université
 1990 *Éléments de Linguistique Textuelle*, Liège, Mardaga
 1991 [1984] *Le Récit*, Paris, PUF
- BRAUER-FIGUEIREDO, F.
 1999 *Gesprochenes Portugiesisch*, Frankfurt am Main, TFM
- BRES, J.
 1994 *La Narrativité*, Louvain-la-Neuve, Éditions Duculot
- CARTER, R. & M. McCARTHY
 1994 *Language as Discourse*, New York, Longman

³ Brauer-Figueiredo (1999: 155-173) realça as funções discursivo-pragmáticas destes sinais, considerando-os típicos da linguagem falada e reconhece-lhes uma função de abreviação, uma função de re-orientação discursiva e uma função de Marcador Conversacional Final. Aqui interessa-nos, sobretudo, um uso intencional destas estratégias por parte do Narrador quer ao nível do sentido do Narrado quer ao nível da sua *performance*.

- LABOV, W.
1972 *Language in the Inner City*, Philadelphia, University of Pennsylvania Press
- LABOV, W. & J. WALETZKY
1967 "Narrative Analysis: Oral Versions of Personal Experience" in HELM, J. (ed.) *The Verbal and Visual Arts*, London, 12-44
- McCARTHY, M.
1998 *Spoken Language and Applied Linguistics*, Cambridge, CUP
- MORAIS, A.
2002 a "O desenvolvimento da Competência Comunicativa no Ensino-Aprendizagem de Português Europeu como Língua Não-materna através de Narrativas Oraís produzidas em Situação de Interação" in *Actas do XVII encontro Nacional da A.P.L.*, A.P.L., Lisboa, (pp. 325-327)
- 2002 b *O Género Narrativo em Interações Oraís Autênticas: Contributo para o Ensino/Aprendizagem do Português Europeu como Língua Não-Materna*, Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade Aberta, vol. I e II
- NASCIMENTO, M. F. Bacelar do, M. L. MARQUES & M. L. CRUZ (eds.)
1984 e 1987 *Português Fundamental*, Vol. I, Tomo I: *Vocabulário* (1984); Volume II: *Método e Documentos*, Tomo I: *Inquérito de Frequência*, Tomo II: *Inquérito de Disponibilidade*, (1987), Lisboa, I.N.I.C./C.L.U.L.